

## As contribuições de Vítor Ramos para o colapso do salazarismo (1955-1974)

Fábio Ruela de Oliveira<sup>1</sup>

### As contribuições de Vítor Ramos para o colapso do salazarismo (1955-1974)

**Resumo:** Este artigo apresenta as contribuições do intelectual português Vítor Ramos – exilado no Brasil entre 1955 e 1974 –, para a derrubada do regime salazarista em Portugal. Ramos foi o principal organizador, junto com outros exilados antissalazaristas, do núcleo oposicionista no Brasil, aglutinado em torno do jornal *Portugal Democrático*, um instrumento de luta importante contra aquela que foi a mais longa ditadura do século XX (1926-1974). Vítor Ramos foi professor, tradutor, ensaísta e crítico literário reconhecido, nas áreas de língua e literatura francesas no Brasil.

**Palavras-chave:** História Contemporânea. Intelectuais. Portugal; Brasil. Vítor Ramos.

### The contributions of Victor Ramos to the collapse of the Salazarism (1955-1974)

**Abstract:** This article presents the contributions of the portuguese intellectual Vítor Ramos – exiled in Brazil between 1955 and 1974 –, for the end of the Salazar's political system in Portugal. Ramos was the organizer, together with others anti-Salazar militants exiled in Brazil, of the opposition group congregated in the newspaper *Portugal Democrático*, an important weapon against the Salazar's political system, the longest dictatorship of 20th century. Vítor Ramos was a teacher, a translator, an essayist and a literary critic, in the area of the French's language and literature, in Brazil.

**Keywords:** Contemporary history. Intellectuals. Portugal. Brazil. Vítor Ramos.

### Las contribuciones de Victor Ramos a la caída de Salazar (1955-1974)

**Resumen:** Este artículo presenta las contribuciones intelectuales del portugués Vítor Ramos - exiliado en Brasil entre 1955 y 1974 - por el derrocamiento del régimen de Salazar en Portugal. Ramos fue el principal organizador, junto con otros exiliados antissalazaristas, la oposición central en Brasil, se unió alrededor *Portugal periódico Democrática*, una herramienta importante de la lucha contra lo que fue la dictadura más larga de los XX (1926-1974) del siglo. Victor Ramos era profesor, traductor, ensayista y crítico literario reconocido en las áreas de lengua y literatura francesa en Brasil.

**Palabras clave:** Historia Contemporánea. Intelectuales. Portugal; Brasil. Victor Ramos.

### *A trajetória de Vítor Ramos*

Vítor de Almeida Ramos nasceu em Lisboa, no dia 25 de abril de 1920, e faleceu com cinquenta e quatro anos, em São Paulo, após passar mal falando ao telefone com Antonio Candido, na tarde de 03 de maio de 1974. Curiosamente sua morte ocorreu alguns dias após o 25 de Abril. Dia festivo da Revolução dos Cravos, que estabeleceu a nova República e a liberdade em Portugal, e pela qual este

<sup>1</sup> Professor Adjunto do Departamento de História da UNICENTRO/Guarapuava-PR. Doutor em História pela UFF/Niterói-RJ (2010) e Mestre em História e Sociedade pela UNESP/Assis-SP (2002).

intelectual lutou durante toda a vida.

O crítico literário Antonio Candido, que trabalhou junto com Vítor Ramos na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis/SP, aponta que Vítor conheceu uma brasileira (Dulce) na França, com quem se casou em 1955, e passou a morar em São Paulo. Vítor Ramos trabalhou na Difusão Europeia do Livro e logo depois foi professor de Língua e Literatura Francesa na FFCL de Assis/SP, entre 1958 e 1964. (CANDIDO, 2004, p.75-76). Perseguido em Assis, após o golpe militar, muda-se pra São Paulo e trabalha no Departamento de Letras Modernas da USP até o fim de sua vida; no entanto, entre 1969 e 1971 Vítor Ramos esteve na Universidade da Califórnia, em Davis (EUA), num outro exílio, decorrente do endurecimento da ditadura no Brasil em 1968, com o AI-5.

A obra intelectual de Vítor Ramos desenvolvida no Brasil foi expressiva e apresenta-se a seguir parte dela. Segundo Antonio Candido, na Difusão Europeia do Livro (DIFEL) Vítor “empreendeu iniciativas importantes, como o plano de antologia das ‘presenças’, das quais vingaram apenas *Presença da Literatura Portuguesa*, em cinco volumes, e *Presença da Literatura Brasileira*, em três, em 1964. Estavam projetadas a espanhola, a francesa, a inglesa, etc.” (CANDIDO, 2004, p.75-76). Ainda na DIFEL, Vítor Ramos realizou traduções do francês para o português de valor inestimável para os estudos de História Moderna e Contemporânea, que foram alguns volumes da coleção *História Geral das Civilizações* (Difel, São Paulo, anos 1957-1958). Os volumes traduzidos por Ramos em conjunto com outros tradutores são: o vol. VII - *O Período da Europa Feudal*, Edouard Perroy (em colaboração); o vol. IX - *Os Progressos da Civilização Européia*, por Roland Mousnier (em colaboração); o vol. XI - *O último século do Antigo Regime*, por Roland Mousnier e Ernest Labrousse; o vol. XII - *A sociedade do século XVIII perante a Revolução*. Da série em três volumes *A época contemporânea*, de Maurice Crouzet, traduziu o volume 1 – *O Declínio da Europa / O Mundo Soviético*, junto com Jacó Ginsburg.

Entre alguns livros publicados por Ramos nesse período temos *Estudos em Três Planos* (São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1966); *Routrou: um universo equívoco* (São Paulo: Universidade de São Paulo, 1971.) Em 1961, doutorou-se na FFCL da USP, com a tese “*L’Expression de la Vérité Humaine dans La Mort d’Agrippine de Cyrano de Bergerac*”, que mais tarde, em 1966, publicaria pela FFCL de Assis, na Coleção de Estudos e Ensaio. Essa coleção, que publicou muitos títulos, era dirigida pelos professores dessa instituição e publicava seus trabalhos com financiamento do Governo do Estado de São Paulo. O volume acerca da obra de Cyrano foi editado todo no original em francês, e até hoje não ganhou uma reedição traduzida para o português. Vítor Ramos também foi diretor da coleção *Clássicos Garnier*, a partir de 1957, e organizou a publicação de quinze títulos de obras clássicas da literatura universal até 1962.

Segundo uma antiga aluna sua, Maria Cecília de Moraes Pinto, a função docente de Vítor Ramos foi imprescindível para a USP naquele momento, pois, segundo ela, o professor Vítor teria participado de um período de mudanças no Curso de Língua e Literatura Francesa, tornando-se em 1972 o primeiro titular desse curso. (PINTO, 2003, p.167).

De acordo com o pesquisador Douglas Mansur da Silva, que pesquisou a ficha de Vítor Ramos nos arquivos da terrível PIDE (Polícia Internacional e Defesa do Estado), na Torre do Tombo, em Portugal, ele era redator correspondente da *Agence France Press* desde 1938 e havia trabalhado na adolescência na Junta Nacional do Vinho. Silva aponta que, em 1940, Vítor Ramos entrou para o Partido Comunista Português (PCP) e pertenceu ao Movimento Unidade Democrática (MUD) juvenil, exercendo intensa atividade no movimento estudantil, por meio de reuniões, palestras, projeções de filmes e distribuição de manifestos. Ainda em 1947, foi um dos signatários de um manifesto “contra a prisão de estudantes e recente expulsão das Universidades de diversos professores.” (SILVA, 2007, p.108).

Dulce Ramos, em depoimento oral, diz que sua casa em São Paulo foi local de reuniões importantes do Partido Comunista Português e também da oposição portuguesa que engendrava o *Portugal Democrático*. Afirma desconhecer os temas das reuniões, mas destaca que Vítor Ramos era figura central nas organizações, junto com outros exilados igualmente importantes na organização oposicionista, como João Sarmento Pimentel e Joaquim Barradas de Carvalho. Descreve, a partir das muitas cartas existentes, a forte amizade e a afinidade intelectual com Jorge de Sena. No entanto, tais cartas eram endereçadas também a Casais Monteiro, Sidônio Muralha, Castro Soromenho, Carlos Maria de Araújo, Rodrigues Lapa, Fidelino Figueiredo, a maioria deles ligados ao *Portugal Democrático*, pois todos esses intelectuais foram seus colaboradores. No período inicial do trabalho de Vítor Ramos no jornal oposicionista – de 1956 a 1959 – ela também conta que, “às vezes Vítor chegava com os dedos sujos de tinta, pois ele fazia também a diagramação do jornal, sabia trabalhar naquilo, a partir da experiência adquirida em Portugal, da sua época de ilegalidade, porque ele ficou muito tempo entre a legalidade e a ilegalidade.” (Anexo em CD-Room. In: RAMOS, 2004).

Militante do Partido Comunista Português, Vítor Ramos teve papel de destaque como fundador do *Portugal Democrático*, juntamente com outro companheiro de partido, que fora operário, Manuel Ferreira Moura, pois ambos tiveram a iniciativa de reunir os vários antissalazaristas dispersos na cidade de São Paulo. (SILVA, 2006, p.32). Ao longo de dezoito anos de circulação, o *Portugal Democrático* aglutinou um grande número de colaboradores nas páginas do jornal, a maioria exilados, dentre eles, o escritor e jornalista Miguel Urbano Rodrigues, que já elaborou uma longa lista dos colaboradores, alguns deles já mencionados neste artigo. (RODRIGUES, 2003, p.183; OLIVEIRA, 2011, p.5).

Com tiragens de cerca de três mil exemplares, o *Portugal Democrático* foi expedido pelo correio para núcleos ativos de oposição democrática formados em vários países: Canadá (Toronto e Montreal), Venezuela, Uruguai, Argentina, Estados Unidos, Inglaterra, França, Holanda, Bélgica e Tchecoslováquia. Outra parte ia para as capitais e outras principais cidades brasileiras, onde existiam núcleos oposicionistas. Em Portugal, o jornal também chegava clandestinamente. (RAMOS, 2004, p. 89; RODRIGUES, 2003, p.184-5; SILVA, 2006, p.76).

A coleção do *Portugal Democrático* constitui um precioso arquivo para os historiadores que

estudam as guerras coloniais de Angola, Moçambique e Guiné-Bissau, pois, a partir dos anos 1960, a denúncia da guerra colonial em suas páginas foi uma constante. Este jornal “movimento político” foi o grande organizador e dinamizador de campanhas pela democracia, pela anistia e pelo apoio financeiro aos presos políticos de Portugal. (RODRIGUES, 2003). Não obstante, alguns pesquisadores do salazarismo sempre exaltaram as atividades do jornal oposicionista. Um deles afirma que:

Com efeito, nos anos cinquenta e sessenta, o Brasil era dos países onde melhor se conhecia o conjunto das lutas do povo português. A presença, entre nós, não só de um grande contingente de democratas emigrados, mas ainda de destacados nomes da cultura antifascista lusa (dentre muitos, Rui Luís Gomes, Adolfo Casais Monteiro, Jorge de Sena, Joaquim Barradas de Carvalho, Vítor Ramos, Miguel Urbano Rodrigues), facilitava a divulgação do movimento real da sociedade portuguesa, inclusive através de imprensa própria, como o jornal *Portugal Democrático*. (NETTO, 1986, p.10).

O fragmento acima, de José Paulo Netto, é de meados dos anos 1980, entretanto esse entusiasmo acerca do periódico oposicionista também se manifesta em trabalhos posteriores, como o de Douglas Mansur da Silva, que também pesquisou este grupo de portugueses exilados e percebeu que:

As páginas do jornal, e os depoimentos revelam que não se estava a tratar apenas de um jornal, mas de parte de um movimento dinâmico de oposição, repleto de redes que atravessavam diversos sectores da sociedade brasileira e outros núcleos de contestação ao Estado Novo em diversas partes do mundo. (SILVA, 2006, p.28)

A colônia oficial portuguesa causou certo desconforto para o processo de organização da oposição, pois, no Brasil, também se produziam e editavam periódicos que defendiam e exaltavam o regime de Salazar (ou o Estado Novo português). Entre estes pode-se relatar o *Pátria Portuguesa*, criado em 1925 e que, a partir de 1936, se alinha ao programa do Estado Novo; e o *Mundo Português*, que alcançou popularidade nas décadas de 1950 e 1960, sendo mantido pelas casas comerciais da colônia e cujos diretores estavam ligados às associações portuguesas no Brasil. Ambos os jornais constituíam instrumentos de coesão da colônia e de reprodução da ideologia salazarista. (RAMOS, 2004, p.82).

As principais lideranças dessa imigração oficial eram os chamados “Comendadores”, imigrantes portugueses ricos e portadores das “comendas”, ou seja, do título honorífico, recebido do governo português, pelos “serviços prestados” na colônia e considerados os representantes oficiais dos imigrantes junto ao governo de Portugal. Era atribuído a esses comendadores um passado aldeão, bem explorado pela ideologia ruralista do salazarismo, pois muitos deles ascenderam socialmente no Brasil. Esses comendadores, com o intuito de promover a intensa propaganda a favor de Salazar, se aproximaram e exerceram forte influência em alguns meios de comunicação no Brasil, dentre eles os jornais *O Globo* – de Roberto Marinho, *A Tribuna da Imprensa* – de Carlos Lacerda e os órgãos ligados aos *Diários Associados* – de Assis Chateaubriand. (SILVA, 2006, p.68; RAMOS, 2004, p.82-83).

Como se constata, Vítor Ramos e os demais militantes do jornal oposicionista estavam no centro de um “embate de projetos hegemônicos”, uma luta muito difícil, na qual eles se envolveram

com muita paixão. Depois do golpe militar de 1964 no Brasil, muitos militantes ligados ao *Portugal Democrático*, além de serem todos fichados na PIDE de Portugal, também passaram a ser monitorados no Brasil pelo Departamento Estadual de Ordem Política e Social (DEOPS – seção São Paulo). Outros pesquisadores consultaram essas fichas do DEOPS e, segundo eles, Vítor Ramos é o que apresentava mais referências. (RAMOS, 2004, p. 18-19 e 234-235; SILVA, 2006, p.155).

### *Os artigos de Vítor Ramos no Portugal Democrático*

O intenso trabalho de Vítor Ramos no *Portugal Democrático* (PD) pode ser comprovado pelas dezoito (18) referências diretas deste autor encontradas no jornal, ou seja, os seus artigos assinados, mas há também algumas notas sobre o intelectual. Abaixo, organizamos uma lista das edições nas quais Vítor Ramos escreveu e/ou foi mencionado de modo especial, seguida de breves sínteses analíticas e transcrições de fragmentos de alguns destes textos.

- 1) A avozinha caduca – 12/01/1957, p. 7.
- 2) Discurso de Vítor Ramos (Comemorações do 5 de outubro), n.º 18, 11/1958, p. 2.
- 3) Um professor de democracia (sobre Jaime Cortesão), n.º. 40, 09/1960, p. 1 e 2.
- 4) A República Morreu República Viva a República, n.º. 41, 10/1960, p. 1.
- 5) Carlos Maria de Araújo, n.º. 65, 10/1962, p. 2.
- 6) Unidade e Organização, n.º.76, 10/1963, p. 8.
- 7) As Manifestações dos Estudantes e os problemas do Ensino I, n.º. 92, 03/1965, p.5/6.
- 8) As manifestações dos Estudantes e os problemas do Ensino II, n.º. 93, 04/1965, p.5/7.
- 9) O Diálogo Impossível “Problemas do Ensino (III)”, n.º. 94, 05/1965, p. 5.
- 10) Reforma Universitária “Problemas do Ensino (IV)”, n.º. 96, 10/1965, p. 7.
- 11) Anistia: a grande tarefa unitária, n.º. 112, 11/1966, p. 2.
- 12) Vítor Ramos agraciado pelo governo francês, n.º. 132, 09/1968, p. 7.
- 13) Intervenção de Vítor Ramos nas Conferências da PUC, n.º. 134, 10/11/1968, p. 6.
- 14) Vítor Ramos vai para os Estados Unidos, n.º. 146, 12/1969, p. 6.
- 15) Fé no destino de Portugal, n.º. 163, 11/1971, p. 2.
- 16) Casais Monteiro – Ao companheiro, ao amigo; n.º. 171, 08/1972, p. 1 e 3.
- 17) Vítor Ramos analisa a conjuntura, n.º. 181, 10/1973, p. 2.
- 18) Recordando Vítor Ramos (Nota sobre a morte), n.º. 187, 06 e 07/1974, p. 6.

No artigo “A avozinha caduca” (PD-12/01/1957, p.7), também publicado num livro organizado e publicado em 1962, intitulado *Salazar visto do Brasil*, p.19-22, Vítor Ramos analisa a situação cultural em Portugal e aponta como uma das causas da decadência do nível intelectual e cultural naquele país o exílio de diversos intelectuais, entre eles Jaime Cortesão, Fidelino de Figueiredo e Adolfo Casais Monteiro, que ele chama de pioneiros. Segundo um fragmento:

---

OLIVEIRA, F. R. As contribuições de Vítor Ramos para o colapso do salazarismo (1955-1974). *Revista Tempo, Espaço, Linguagem*.

V. 5, n. 2, Mai. - Ago, 2014. pp. 95-105.

Pode parecer, portanto que, na medida em que surjam continuadores da obra destes pioneiros, a cultura portuguesa retomará a posição que lhe é devida. (...) As últimas gerações portuguesas, por razões políticas, com evidentes repercussões culturais, viram frustradas as suas melhores capacidades de realização. Não falemos já da trágica diáspora que espalhou pelas sete partes do mundo alguns dos melhores valores portugueses. Primeiramente nesta página formulou-se, há pouco, uma interrogação que é um grito de alarme, quanto ao destino de grandes cientistas nacionais forçados ao exílio. (*Portugal Democrático*, 12/01/1957, p.7).

Em outra matéria do jornal oposicionista, edição nº 18 de 11/1958, p. 2, encontra-se uma nota que traz o discurso de Vítor Ramos nas “Comemorações do 05 de Outubro” (*sic*) daquele ano. Neste artigo, o autor celebra a esperança no fim do regime salazarista, dando grande respaldo à atitude do Bispo do Porto que, naquele ano, passava a criticar a ação da Igreja portuguesa em relação ao regime ditatorial de Salazar. Vítor Ramos continuou seu discurso colocando alguns questionamentos acerca de quais seriam os rumos de Portugal com o fim do salazarismo e, principalmente, quais consequências viriam com o advento da democracia. No momento em que escreveu, o regime salazarista apresentava claros indícios de crise e, no interior da oposição, cresciam os debates referente aos projetos para o período pós-Salazar. Nas eleições portuguesas daquele ano, Humberto Delgado saiu vitorioso, porém o regime não reconheceu.

No texto “Um professor de democracia”, (PD nº 40, 09/1960, p. 1 e 2), Vítor Ramos se manifesta acerca do falecimento de Jaime Cortesão no mês anterior, enaltecendo a figura deste como um militante da democracia e criticando a ação do septuagenário Salazar, que prendeu Cortesão por ter se envolvido na campanha de apoio ao general Humberto Delgado.

No texto “A República Morreu República Viva a República” (edição nº. 41, 10/1960, p. 1), Ramos reflete acerca dos trinta e quatro anos do fim da República portuguesa e convida os antissalazaristas daquele momento a pensar sobre todo esse período e vislumbrar a construção de uma “nova república”.

“Carlos Maria de Araújo” (PD - n.º 65, 10/1962, p.2) é um texto de Vítor Ramos em homenagem ao poeta e jornalista português Carlos Maria de Araújo, falecido naquele momento, no qual ressalta a atuação deste que era considerado por Ramos um “intelectual engagé” junto ao *Portugal Democrático*.

Vítor Ramos participa dos debates acerca da organização da unidade oposicionista por meio do texto “Unidade e Organização” (*Portugal Democrático*, nº. 76, 10/1963, p.8), no qual dá repercussão ao aniversário da república portuguesa e discorre sobre a construção da unidade oposicionista com os movimentos insurrecionais em Portugal, que estariam ficando mais fortes e organizados e, segundo ele, derrubariam o fascismo. O autor continua o artigo com análises da situação mundial, da guerra fria, do processo de descolonização na África, etc., frisando que esta conjuntura estaria bastante favorável para a derrubada do regime salazarista.

Vítor Ramos publicou, em sequência, nas edições nº 92, 93, 94 e 96 do *Portugal Democrático*,

durante o ano de 1965 (março, abril, maio e outubro), seus respectivos artigos “Problemas do Ensino I, II, III e IV” voltados para a valorização das manifestações estudantis que ocorriam em Portugal e para a denúncia ao regime de Salazar nas questões relativas à educação e à cultura. Nesses textos, Ramos expressa sua empatia pelas mobilizações estudantis contra o regime salazarista, frisando o caráter repressor do Estado perante elas. Mais além, denuncia a precariedade das instituições de ensino em Portugal, mostrando números concretos para legitimar seu raciocínio.

O índice de analfabetismo no nosso país (40% é vergonhoso, atendendo a que se trate de um país europeu) tem um caráter tão chocante que em geral os críticos do regime de Salazar não precisam utilizar mais do que esse elemento para mostrar o descalabro do sistema educacional do Estado Novo.

(...) de 160.000 que entraram na escola primária apenas 40.000 podem aceder ao grau seguinte.

Quanto aos professores, e também só a título de exemplo, recordemos que enquanto em 1963 havia mais 20.371 estudantes do que em 1953, nesses mesmos dez anos o número de professores efetivos havia baixado em 57 unidades. As razões deste abandono da profissão docente devem procurar-se sobretudo na baixa remuneração dos professores. (...) A situação agrava-se ainda nos meses de verão em que nas chamadas férias grandes, é lançado compulsoriamente para o desemprego, pois o governo não lhe paga esse período em que “não trabalha”. (*Portugal Democrático* n.º 92, 03/1965, p. 5 e 6).

As palavras acima expõem a situação dos professores em Portugal, ao mesmo tempo em que a minúcia dos dados e a crítica do artigo testemunham a liberdade e a autonomia da política editorial do jornal oposicionista publicado no Brasil, mas que circulava clandestinamente em Portugal.

Outros trechos do texto “O Diálogo Impossível – Problemas do Ensino (III)” (PD – n.º 94, 05/1965, p. 5) trazem os relatos do militante comunista acerca do “Congresso Nacional do Ensino Particular”, evento ocorrido em Portugal que convocava os professores para um diálogo com setores governistas portugueses, mas, segundo Ramos, o convite era para ouvirem um monólogo por parte do Estado acerca dos problemas do ensino e suas mudanças. Para o articulista Ramos, o governo fascista, pressionado pelas manifestações, ensaiou uma possível reforma, mas, para Ramos, o movimento dos professores não poderia se iludir com tal ação. (*Portugal Democrático* n.º 94, 05/1965, p.5). Esses mesmos artigos, que configuram um conjunto de textos sobre os temas da educação e da cultura em Portugal demonstram como Vítor Ramos era um interlocutor pontual e bem informado da oposição em Portugal e inclusive começa a chamá-la para a ação mais direta.

As várias informações desse conjunto de textos foram completadas com outras, como as da sua Conferência na PUC/SP, em setembro de 1968, que resultou no ensaio “Breve Análise da Repressão à Vida Intelectual em Portugal”, publicado na *Revista Paz & Terra* (Ano IV, n.º 10, Dez. 1969; p. 43-57), um número especial sobre os 43 anos de fascismo em Portugal.

A edição do *Portugal Democrático* n.º 134 (10, 11/1968, p.6) apresenta a transcrição da intervenção de Vítor Ramos nas Conferências da PUC. O antissalazarista e também professor da Universidade de São Paulo discorreu essencialmente sobre a repressão à vida intelectual no Portugal de Salazar. O

último parágrafo dessa reportagem do *Portugal Democrático* sobre a conferência de Vítor Ramos aponta que sua fala foi inflamada e sintetizou também o problema das guerras coloniais:

A terminar, disse: “Os estudantes portugueses sabem que não haverá universidade livre em um país oprimido. Eles sabem que a ditadura que oprime os povos de Portugal, da Angola, da Guiné e de Moçambique é apenas símbolo de uma máquina a ser destruída. Eles sabem que a solução dos seus problemas passa pelo derrubamento da ditadura, e que o derrubamento desta passa pela insurreição armada. E sabem também que para virar a página da história da resistência em Portugal e dar lugar à história da ofensiva é preciso responder à violência reacionária com a violência revolucionária. Só o povo libertará o povo. Em Portugal como em qualquer outra parte do mundo!” (*Portugal Democrático* n.º. 134; 10, 11/1968, p.6)

Este parágrafo explicita o Vítor Ramos revolucionário, quando aclama uma insurreição popular e armada para derrubar a ditadura de Portugal e as outras ditaduras “em qualquer outra parte do mundo”. O fato de um texto com esse teor circular num jornal produzido e distribuído no Brasil, num momento crítico como foi o de fins de 1968, em que houve o endurecimento da ditadura civil-militar brasileira e a instauração do AI-5, constitui-se em um aspecto talvez inédito e uma raridade na história de Portugal e do Brasil naquele período.

Ruben de Carvalho, pesquisador da história do Partido Comunista Português, tendo investigado os programas e estatutos do PCP e as obras de Álvaro Cunhal, relata que o uso da força para derrubar o regime salazarista foi previsto a partir de 1964. De acordo com Carvalho, transcrevendo fragmentos da obra *Rumo à Vitória: As Tarefas do Partido na Revolução Democrática e Nacional* (Edições “A Opinião”, Porto/Portugal, Maio de 1975) do líder comunista português Álvaro Cunhal, as diretrizes do partido assim se esboçavam:

Para o derrubamento do fascismo e implantação de um regime democrático, considerava o PCP em 1964 que “o povo português há muito está convencido de que, para derrubar a ditadura fascista e instaurar a democracia, será necessário o recurso à força. Trata-se de uma conclusão geral e sobre a qual se não ouvem hoje vozes discordantes na Oposição.” (...) ..., o PCP defendeu que esse recurso à força deveria assumir as características de um “levantamento nacional”, “a insurreição popular, é a luta armada do povo e dos militares revolucionários, vencendo e destruindo o aparelho militar e repressivo fascista”. (CUNHAL, Álvaro *apud* CARVALHO, 1999, p.67)

Assim, considerada essa perspectiva de luta do partido, é possível perceber que Vítor Ramos estava alinhado enquanto militante do PCP, pois igualmente conclama o povo à “violência revolucionária”.

A notícia intitulada “Vítor Ramos agraciado pelo governo francês” (*Portugal Democrático* - n.º 132, 09/1968, p. 7) informa que o militante antissalazarista recebeu um prêmio de distinção do Governo Francês, na Aliança Francesa em São Paulo, por seu trabalho de difusão da cultura francesa no Brasil.

No final de 1969, encontra-se outra nota acerca da nova diáspora de Vítor Ramos, agora para os Estados Unidos. A notícia não menciona, porém, como se sabe, a intensificação da ditadura

brasileira que obrigou muitos intelectuais como Ramos a exilarem-se novamente. A matéria “Vítor Ramos vai para os Estados Unidos” destaca a contribuição dele para o jornal e para as causas democráticas de Portugal. (*Portugal Democrático*, n.º 146, 12/1969, p. 6)

O artigo “Fé no destino de Portugal”, publicado na edição n.º 163 (11/1971, p. 2) do jornal oposicionista, marca o seu retorno ao Brasil depois de um ano e meio de exílio nos EUA. Este texto avalia o período Caetanista (Marcelo Caetano) e discute a possibilidade de um novo Portugal sem Salazar, mas reconhece que o país não sofreu mudanças na política de governo. Vítor Ramos fala até num crescimento do número de combatentes mandados para as Guerras na África com a liderança de Marcelo Caetano.

Em meados de 1972, após o falecimento do companheiro de redação e crítico literário Adolfo Casais Monteiro, Vítor Ramos assinou o artigo “Casais Monteiro – Ao companheiro, ao amigo”, no qual presta homenagens à memória do companheiro de luta, ressaltando a militância política de Casais contra o fascismo português e destacando seu trabalho como uma grande contribuição para a cultura portuguesa. Segundo Vítor Ramos: “Com a morte de Casais Monteiro desaparece um companheiro e amigo que ao longo de muitos anos de ininterrupta fidelidade no combate ao fascismo português, sempre esteve do lado certo da barricada.” (*Portugal Democrático*, n.º 171, 08/1972, p. 1 e 3)

Naquela que constitui a última publicação assinada de Vítor Ramos para o *Portugal Democrático*, há o artigo “Vítor Ramos analisa a conjuntura (Intervenção do 05 de outubro)”, que problematiza a situação econômica de Portugal, as liberalizações caetanistas e “o problema colonial”. Observemos abaixo, um fragmento:

(...) Os setores chave da economia de Angola, Moçambique e Guiné já não se acham nas mãos de portugueses, mas sim nas de companhias multinacionais dominadas sobretudo por americanos alemães. As guerras coloniais no fim das contas, travam-se, por pessoa imposta, entre os povos africanos e os interesses dessas companhias, que utilizam o Exército português como arma de defesa da exploração desses territórios. E Portugal mantém a guerra mais sem sentido da História, apenas para defesa destes interesses, camuflados atrás de uma noção de Imperialismo que é, pelo menos, totalmente anacrônica. (*Portugal Democrático*, n.º 181, 10/1973, p. 2)

Vítor Ramos é preciso quando afirma que os interesses do grande capital são o único objetivo da Guerra Colonial, afirmando que o governo e o exército português seriam anacrônicos e serviriam de instrumentos para defender a exploração colonial de companhias multinacionais. Assim Vítor Ramos sustenta uma clara perspectiva de “luta de classes” em suas análises sobre a realidade portuguesa e do mundo de então.

De algum modo a militância dos textos de Vítor Ramos contra o salazarismo, bem como seu engajamento no movimento de exilados no Brasil, realizando ações como o levantamento de recursos junto a esta comunidade de exilados, para a manutenção do jornal e para ajudar os perseguidos pelo regime salazarista, o configuram como “um intelectual orgânico” em luta. (GRAMSCI, 2001). Naqueles tempos de guerra fria era comum o engajamento intelectual, e a figura do “intelectual

público” que se posiciona nas grandes questões, como a da libertação e emancipação das colônias africanas, e contra as ditaduras, como apresentamos o caso de Vítor Ramos. Poderíamos rapidamente citar ainda o caso do casal de intelectuais franceses Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir, que foram o símbolo da atmosfera de engajamento desse período e no ano de 1960 passaram alguns meses no Brasil, divulgando a Revolução Cubana e apoiando os movimentos de libertação da Argélia. Simone de Beauvoir, que também concedeu uma entrevista ao jornal *Portugal Democrático* em 1960, relata essa ocasião no seu livro *Sob o signo da história*, afirmando que foi o contato com os antifascistas portugueses no Brasil que lhes informaram sobre a situação de pobreza, das prisões e da repressão em Portugal. (ROMANO, 2002; BEAUVOIR, 1965, v.I, p.36 & Portugal Democrático n.º. 41/Out.1960, p.04).

### Referências

- BEAUVOIR, Simone de. **Sob o signo da História**. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: DIFEL, 1965.
- CANDIDO, Antonio. **O Albatroz e o Chinês**. Rio de Janeiro: Ed. Ouro sobre o Azul, 2004.
- CARVALHO, Ruben. O Partido Comunista Português e a Conquista da Democracia. (pp. 63-75) In: **Portugal e a Transição para a Democracia (1974-1976)**, 1.º. Curso Livre de História Contemporânea, Lisboa 23 a 28 de Novembro de 1998 organizado pela Fundação Mário Soares e Instituto de História Contemporânea da Univ. Nova de Lisboa, Lisboa, Edições Colibri, 1999.
- GRAMSCI, Antonio. Apontamentos e notas dispersas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais. (pp. 13-53) In: GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere**, V. 2. Trad. Carlos Nelson Coutinho – 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- NETTO, José Paulo. **Portugal: do fascismo a revolução**. (Revisão, 20) Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.
- OLIVEIRA, Fábio Ruela de. Portugueses no Brasil: as trajetórias intelectuais de Casais Monteiro, Jorge de Sena e Vítor Ramos (1954-1974). In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História** (ANPUH – Associação Nacional de História) – Anais Eletrônicos (Internet): <http://www.snh2011.anpuh.org/site/anaiscomplementares> ISBN: 978-85-98711-08-9; Organizadora: Marieta de Moraes Ferreria; ANPUH • São Paulo, Acesso em julho de 2011.
- PINTO, Maria Cecília de Moraes. A missão de Vítor Ramos. (p.167-170) In: LEMOS, Fernando & LEITE, Rui Moreira (orgs.). **A missão portuguesa: rotas entrecruzadas**. SP: Editora da Unesp e Edusc, 2003.
- RAMOS, Ubirajara Bernini. **“Portugal Democrático” – Um Jornal de Resistência ao salazarismo publicado no Brasil**. (Dissertação de Mestrado em História) Pontifícia Universidade Católica (PUC): São Paulo/SP, 2004.

RAMOS, Vítor. Breve Análise da Repressão à Vida Intelectual em Portugal. In: **Revista Paz & Terra – (Especial 43 anos de Fascismo em Portugal)**, Ano IV, n.º. 10, Dez. 1969.

RODRIGUES, Miguel Urbano. Portugal Democrático – um jornal revolucionário. In: LEMOS, Fernando & LEITE, Rui Moreira (orgs.) **A missão portuguesa: rotas entrecruzadas**. SP: Editora da Unesp e Edusc, 2003.

ROMANO, Luís Antônio Contatori. **Sartre e Simone de Beauvoir pelo Brasil em 1960**. Campinas/SP: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 2002.

SILVA, Douglas Mansur da. **A oposição ao Estado Novo no exílio brasileiro, 1956-1975**. (Col. Estudos e Investigações; 42) Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2006.

\_\_\_\_\_. **Intelectuais Portugueses Exilados no Brasil. Formação e Transferência Cultural, Século XX**. (Tese Doutorado – UFRJ/Programa de Pós-Graduação/Museu Nacional) – Rio de Janeiro: UFRJ/MN, 2007.

### Fontes

RAMOS, D. **Dulce Ramos: depoimento oral** [abr. 2003]. Entrevista e transcrição de Ubirajara B. Ramos, anexo em CD-Room. In: RAMOS, 2004.

COLEÇÃO DO JORNAL PORTUGAL DEMOCRÁTICO (205 edições) – Acervo do “Centro Cultural 25 de Abril”, Butantã, São Paulo/SP.

CURRÍCULO DE VÍTOR RAMOS (SP, 1962). Folha 16 do Processo n.º. 23/1958 (Sua contratação para reger a cadeira de Língua e Literatura Francesa na FFCL de Assis/SP) do Arquivo Permanente da FCL/UNESP-Assis/SP.

---

Recebido em 31/05/2014

Aprovado em 22/07/2014

---